

Retomando o estudo do resumo: conceito, classificação e apresentação¹

Hermano Aroldo Gois OLIVEIRA*
Márcia Candeia RODRIGUES**

126

Resumo: Neste trabalho objetivamos discutir o estudo do resumo. Desse modo, organizamos a discussão por meio de dois eixos: no primeiro momento, retomamos o conceito de resumo, a partir de o que está posto na NBR (Norma Brasileira) 6028/2003 da ABNT, nos manuais de metodologia científica, bem como pelo o que é investigado na Linguística Aplicada (LA). Além disso, ainda nesse eixo, apresentamos a classificação atribuída a este gênero. No segundo eixo, revelamos as estratégias de produção reconhecidas para a sua apresentação. Para tanto, ancoramos nossa discussão na NBR 6028/2003 da ABNT, nos manuais de metodologia científica de Lakatos; Marconi (1992), e de Severino (2007); como também nos estudos advindos da Linguística Aplicada, representados por Machado (2010), Motta-Roth; Hendges (2010) e por Rodrigues (2012). Diante do estudo, reconhecemos que a utilização do termo resumo abriga modalidades textuais e finalidades de escrita que se particularizam na dinâmica acadêmica. Além disso, verificamos que as orientações de apresentação do resumo vistas nos manuais de produção investigados direcionam a aspectos estruturais, as quais não nos parecem instrutivas a ponto de permitir àquele que produz este texto condições necessárias de configuração linguística que deem conta dos elementos importantes para o domínio da organização linguístico-textual.

Palavras-chave: Resumo. Escrita acadêmica. Estratégias de produção.

Abstract: In this work we aimed to discuss the study of summary. Thus, we organize the discussion through two axes: the first moment we return to the concept of summary, from what is put in NBR 6028/2003 of ABNT, in the instructions for scientific methodology, as well as by what is investigated in Applied Linguistics (LA). Furthermore, still in this axis, we present the classification assigned to this genre. In the second axis, we reveal the production strategies recognized for their presentation. To do so, we anchor our discussion on NBR (Brazilian Standard) 6028/2003 of ABNT, the instructions for scientific methodology Lakatos; Marconi (1992), and Severino (2007), as well as in trials arising from the Applied Linguistics, represented by Machado (2010), Motta-Roth;Hendges (2010) and Rodrigues (2012). In this study, we recognize that the use of the term summary houses textual modalities and purposes of writing that particularize in academic dynamics. Furthermore, we verify that the guidelines for submission of the abstract viewed in the manual productions direct the structural aspects, which do not seem as instructive to allow the person who produces this text necessary conditions of linguistics configuration that give account to the important elements for the mastery of organization of linguistic-textual.

Keywords: Summary. Academic writing. Production strategies.

¹ Este artigo apresenta uma versão ampliada e revisada do capítulo de fundamentação teórica do trabalho monográfico **Estratégias linguístico-textuais para a produção de resumo** (2013), elaborado pelo primeiro autor, sob orientação da segunda autora, no curso de Letras da UFCG.

* Graduando em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e, em Língua Espanhola, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: hermanoliveira.letras@hotmail.com

** Professora, Doutora, adjunta da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Campina Grande. E-mail: marciac_rodrigues@hotmail.com.

1. Introdução

O resumo afigura-se como o gênero textual mais solicitado no ensino superior, uma vez que, constantemente, alunos são submetidos a produzi-lo para as mais diferentes disciplinas, bem como para as mais diversas finalidades de escrita, tais como para registro de leitura, para compor textos mais densos (artigo, dissertações, teses etc), para ser publicado separadamente ao texto original ou até mesmo para a submissão em eventos acadêmicos. Além da importância, o resumo tem por finalidade sintetizar um documento; para isso, o produtor tem a sua disposição o reconhecimento e desenvolvimento de estratégias de aprendizagem adquiridas ao longo da experiência de escrita que quando agenciadas oferecem àquele que escreve um conjunto de opções necessárias para a produção desse gênero.

Sendo assim, propomos, neste trabalho, discutir o conceito, classificação e apresentação de resumo a partir de o que é posto na NBR (Norma Brasileira) 6028/2003 da ABNT, na qual conceitua-o e classifica-o em crítico, indicativo e informativo; nos manuais de redação científica (LAKATOS; MARCONI, 1992; SEVERINO, 2007), que também propõem uma classificação em indicativo ou descritivo; informativo; analítico ou técnico e crítico, bem como pelo o que é investigado na Linguística Aplicada (MACHADO, 2010; MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), a qual reconhece esse gênero como manifestação de linguagem.

Ainda faz parte da nossa discussão apontar as estratégias de produção de resumo reconhecidas na Norma Brasileira e identificadas nos manuais didáticos de ensino de produção acadêmica, bem como esboçar a subdivisão das estratégias de aprendizagem realizada em uma pesquisa desenvolvida por Rodrigues (2012), quais sejam: cognitivas, discursivas, linguísticas e textuais.

Dessa forma, além dessa introdução, na qual, brevemente, situamos o resumo no ambiente acadêmico, o nosso trabalho encontra-se dividido em mais dois eixos, quais são: no primeiro investigamos o conceito de resumo, a partir de o que está posto na NBR *supramencionada* e nos manuais didáticos de ensino de produção acadêmica, como também, apresentamos a classificação atribuída a este gênero. No segundo eixo, revelamos as estratégias de produção sugeridas pelos os manuais investigados para a

apresentação do resumo. Para finalizar esta discussão, fica a cargo do tópico Considerações Finais a apresentação dos apontamentos sínteses.

2. Eixo I

2.1. Resumo: conceito e classificação

A Norma Brasileira (NBR) 6028/2003², da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), cuja função é “orientar a produção e a apresentação de resumo”, define esse gênero *como uma apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento*. Dessa maneira, a partir do que é estabelecido por essa Norma, o resumo é entendido como uma produção textual que se caracteriza pela precisão das informações principais presentes em um dado conteúdo, podendo representar, na Academia, por textos mais extensos, como artigos científicos, capítulos de livros ou livros na íntegra, monografias, dissertações e teses.

Além dessa definição, a presente Norma classifica o resumo em três tipos, a saber: crítico (também chamado de resenha por ela), indicativo e informativo.

O resumo crítico é aquele elaborado por um escritor especialista que apresenta conhecimento significativo de um documento a fim de que possa realizar uma análise crítica. De acordo com a NBR 6028/2003, esse tipo de resumo também pode ser chamado de resenha³; ou ainda, de recensão, quando é elaborado com o propósito de analisar apenas uma determinada edição dentre várias.

O resumo indicativo é aquele texto que apresenta a descrição das partes mais relevantes encontradas em um dado documento e, por esse motivo, não dispensa, de modo geral, a consulta ao texto original. Além disso, neste tipo de resumo não há presente julgamentos avaliativos (existentes na redação de um resumo crítico), bem como dados que expressem aspectos quantitativos, tais como exemplos, ilustrações dentre outros.

² Esta versão vem substituir a NBR 6028 de 1990.

³ Neste caso, o documento parametrizador embora não se detenha a diferenciar o gênero resumo de resenha (como também nem o reconhece como gênero, mas sim como tipo de texto), estudos recentes já vêm dedicando-se a isto, a exemplo de Machado (2010). A autora sustenta que o resumo “crítico” ao aparecer no gênero resenha, não pode ser entendido como tal, e sim, como parte constitutiva da resenha. Entretanto, essa problemática não faz parte da nossa discussão, uma vez que propomos dar conta do conceito apresentado por esta norma.

O resumo informativo apresenta os elementos mais relevantes de um documento, como os objetivos, os aspectos metodológicos, os resultados e as conclusões. Por apresentar as informações centrais contidas em um documento, permite dispensar a leitura do texto original (o que não acontece com o resumo indicativo). Logo, a partir desta indicação, podemos afirmar que este tipo de resumo é mais preciso e completo em relação à condensação das informações quando se comparado ao resumo indicativo.

Assim, como a mencionada norma, há manuais didáticos elaborados para orientar a produção e apresentação de resumos, a exemplo os de metodologia científica mais representativos da área (LAKATOS; MARCONI, 1992; SEVERINO, 2007). Para Lakatos e Marconi (1992), o resumo é entendido como “a apresentação concisa e frequentemente seletiva do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância, isto é, as principais ideias do autor da obra.” (p. 72). Dessa forma, o resumo é visto como um texto síntese de outro texto, no qual apresenta em sua estrutura os elementos centrais e, por esse motivo, seletivos das ideias essenciais do autor de um documento.

Além dessa definição presente no manual desses pesquisadores, igualmente à Norma, há uma classificação de resumo em três tipos: indicativo ou descritivo, informativo ou analítico e crítico. Sobre o indicativo ou descritivo, no manual anteriormente mencionado, é aquele texto em que apresenta, na sua composição, a indicação ou descrição das partes mais relevantes presentes em um documento. E não dispensa a leitura do texto original por conter, exclusivamente, a descrição da natureza, da forma e do propósito do texto. O resumo informativo ou analítico contém as informações mais importantes presentes em um texto, e por isso dispensa a leitura do texto original. Tem por efeito informar os objetivos, os métodos e as técnicas, os resultados e as conclusões de um dado conteúdo, bem como as ideias centrais do autor. O mesmo manual destaca que no resumo não é permitido o uso de comentários avaliativos. Por sua vez, o resumo crítico é um texto que apresenta o julgamento de valor sobre dado documento (LAKATOS; MARCONI, 1992). Nesse caso, a crítica é feita do aspecto formal, isto é, voltada para os procedimentos metodológicos, para as informações presentes e para a técnica de apresentação das ideias centrais.

Em outro manual de redação científica investigado, intitulado *Metodologia do Trabalho Científico*, Severino (2007) define o resumo como “uma síntese das ideias e não das palavras do texto” (p. 204). Ainda de acordo com ele, o texto resumido não se trata de uma “miniaturização”, uma vez que, ao resumir, o produtor que, não

necessariamente é o mesmo do texto-base, se utiliza de suas próprias palavras, e assim mantém-se fiel às ideias que serão sintetizadas. Além disso, o pesquisador (2007) ressalta que a produção do resumo está voltada para o trabalho didático e o diferencia de um outro tipo de resumo, intitulado em seu manual, de técnico-científico o qual, por sua vez,

consiste na apresentação concisa do conteúdo de um trabalho de cunho científico (livro, artigo, dissertação, tese etc.) e tem a finalidade específica de passar ao leitor uma ideia completa do teor do documento analisado, fornecendo, além dos dados bibliográficos do documento, todas as informações necessárias para que o leitor/pesquisador possa fazer uma primeira avaliação do texto analisado e dar-se conta de suas eventuais contribuições, justificando a consulta do texto integral (SEVERINO, 2007, p. 208).

Classificado como *técnico* no manual de Severino (op. cit), este tipo de resumo tem a sua produção voltada para o trabalho de cunho científico e comunga com o tipo informativo definido pela NBR 6028/2003, uma vez que ambos condensam todas as informações centrais presentes em um trabalho científico, tipicamente: monografias, artigos, dissertações e teses, o que permite dispensar, inclusive, a leitura do documento original.

Diante da apresentação do que é indicado nos manuais sobre o resumo, destacamos que a definição posta na NBR 6028/2003, bem como a sua classificação acerca do resumo de texto, certamente influencia a produção desses manuais, isso porque, ao que foi percebido, há mais proximidade do que distanciamento entre as definições e classificações postas. Isto é, o resumo, em ambos os casos, refere-se à síntese de um documento, no qual estão contidas as informações consideradas relevantes.

Além desses manuais de redação científica (LAKATOS; MARCONI, 1992; SEVERINO, 2007), encontramos correlação de o que está posto na NBR 6028/2003 no trabalho de pesquisadores situados na Linguística Aplicada, particularmente, os que têm investigado o conceito de resumo e o ensino da sua produção (BIASI-RODRIGUES, 1998; CRISTOVÃO, 2001; GUIMARÃES SILVA; DA MATA, 2002; MATÊNCIO, 2002; MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2005; MACHADO, 2010; MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Destacamos o trabalho de Machado (2010) e Motta-Roth; Hendges (2010) para fundamentar a nossa discussão.

Inicialmente tomamos como ponto de partida os estudos de Machado (op. cit), a qual define o resumo como um texto que contém a apresentação concisa dos conteúdos de outro texto; uma organização global que reproduz a do texto original, com o objetivo de informar o leitor sobre esses conteúdos, cujo enunciador é outro que não o autor do texto original.

Diante dessa definição, julgamos correspondência entre o que é investigado pela pesquisadora com o que é posto na NBR 6028/2003. Entretanto, a pesquisadora aprofunda a reflexão que gira em torno do conceito de resumo à medida que (por inferência nossa) se utiliza do gerenciamento de vozes, isto é, explicita que o que é dito em um texto resumido não o é feito pelo próprio autor do texto original.

Isso, caso esteja referindo-se ao resumo chamado de indicativo, posto pela NBR/6028 ou didático, nos manuais de redação; cuja solicitação é, normalmente, feita por um professor em contexto escolar e não escolar com o intuito de desenvolver no produtor, neste caso, no aluno, a compreensão de leitura e registro linguístico para tal compreensão (GUIMARÃES SILVA; DA MATA, 2002).

Nesse sentido, o resumo indicativo é visto como o tipo de texto para fins de instrumento de avaliação e/ou ensino por parte do professor de determinada disciplina, ou de leitura e de estratégia de estudo, por parte de ambos, professor e aluno. Em outras palavras, esse resumo opera como uma atividade de avaliação de leitura através da qual, o aluno se comprometerá a apresentar as ideias mais relevantes de um texto original, ajustados aos objetivos de leitura traçados pelo professor (SILVA, 2012).

Ainda sobre o resumo indicativo, a NBR 6028/2003 estabelece que para a sua redação não se devem apresentar dados qualitativos e quantitativos, o que, a nosso ver, está em consonância com o que Machado (2010) esclarece a respeito do discurso teórico empregado em um resumo, isto é, relacionado ao distanciamento do objeto, a não implicação do produtor ao que é apresentando, a impessoalização do texto; uma vez que, ainda segundo a pesquisadora (2010), ao texto resumido, não se permite acrescentar nenhuma informação, além daquela do texto original, bem como nenhuma avaliação explícita.

Além da contribuição de Machado (2010), no campo da Linguística Aplicada, destacamos o trabalho em que Motta-Roth; Hedges (2010) têm investigados, nesse sentido, sobre o *abstract*. Para essas autoras, o *abstract* é um texto de natureza breve que apresenta, na sua composição, a essência de um artigo. Ainda de acordo com elas, esse tipo de resumo é produzido, com grande frequência, pelo próprio autor do texto e

tem como função apresentar uma síntese de um estudo realizado – objetivo, metodologia, resultados e conclusões – à comunidade científica, a fim de que ela tenha acesso mais rápido ao conteúdo desse estudo e assim permita desconsiderar a leitura do texto na íntegra.

Julgamos que a classificação de resumo apresentada por Motta-Roth; Hendges (2010) comunga com a posta na NBR 6028/2003, acerca do resumo informativo, o qual, segundo a Norma, tem a finalidade de informar ao leitor o objetivo, a metodologia, os resultados e as conclusões de um dado documento, o que permite dispensar a leitura do texto original. Desse modo, entendemos que as definições postas apresentam as mesmas características a um mesmo tipo de resumo.

Como podemos observar, a definição e classificação de resumo investigadas na Linguística Aplicada, representadas pelas pesquisadoras Machado (2010), Motta-Roth; Hendges (2010), demonstram receber influência da NBR 6028/2003, por apresentar mais semelhanças do que divergências acerca da definição posta. Contudo, esses trabalhos, de certo modo, apresentam divergências no que compete à preocupação que ambos demonstram ter sobre o ensino da produção de resumo. Isto é, enquanto a orientação de aprender conceitual e estruturalmente o resumo, a partir da ABNT, seja realizada de forma generalizante, o que pode ser aplicada a toda área do conhecimento, a Linguística Aplicada procura atender ao contexto de produção – *Por que produzi-lo? Para quê? Para quem? Quando? Onde? Como?* – a fim de que a escrita atenda às exigências de produção de resumo.

Desse modo, entendemos que a utilização do termo *resumo* abriga modalidades textuais e finalidades de escrita que se particularizam na dinâmica acadêmica. Além disso, para reforçar essa afirmação, citamos Lopes-Rossi (2002), a qual acrescenta as condições de produção e de circulação do gênero na nossa sociedade como indispensáveis para a produção textual. A NBR 6028/2003, certamente já considerava essas características para a redação de textos acadêmicos, ao se beneficiar da classificação do resumo em crítico, indicativo e informativo como apresentado nesta seção.

3. Eixo II

3.1 Estratégias de produção de resumo

Inicialmente, antes de partirmos para a apresentação das estratégias de produção de resumo, é imprescindível atentar para o conceito de *estratégia* na Psicologia da Aprendizagem, cujo tratamento do termo tem sido dado de forma ampla. Desse modo, para essa área, as estratégias são vistas como procedimentos, ações e/ou operações conscientes utilizadas pelo sujeito a fim de executar um objetivo (FIGUEIRA, 2006). São técnicas ou métodos que os alunos se utilizam para adquirir determinada informação, ou, em nível mais específico, as estratégias de aprendizagem são consideradas como qualquer procedimento adotado para a realização de uma determinada tarefa (BORUCHOVITCH, 1999).

Esse conceito é bastante recorrente no ensino da escrita, embora seja tratado de forma ampla na Psicologia da Aprendizagem, tendo em vista que na Linguística Aplicada as estratégias de aprendizagem podem ser adaptadas às condições de ensino e de aprendizagem da língua materna e de sua modalidade escrita, o que compreendem as ações e o modo como os alunos selecionam e ativam essas estratégias (RODRIGUES, 2012).

Nesse sentido, quando se discute a ensinar a produzir textos escritos encontramos na Linguística Aplicada o emprego do termo estratégias para se referir ao processamento textual (KOCH, 2003; KOCH; ELIAS, 2010); aos procedimentos de textualização (MARCUSCHI, 2008); a retextualização de textos acadêmicos a resumos (MATÊNCIO, 2002; DELL'ISOLA, 2007); aos processos de produção e organização da arquitetura textual (BRONCKART, 2012). Contudo, encontramos também nesta área o emprego do termo estratégias para se referir à compreensão e interpretação de textos a partir da leitura, como, por exemplo, as autoras Isabel Solé (1998) e Kleiman (2012) que têm utilizado o termo estratégias para se referir a mecanismos/operações realizadas por um sujeito, a fim de se executar um objetivo.

Diante do exposto, reconhecemos que na NBR 6028/2003 não há, de modo explícito, o emprego de estratégias. No entanto, entendemos que as orientações apresentadas configuram-se como encaminhamentos para a elaboração de resumo, como por exemplo: i) necessidade de referência do documento – com exceção do resumo inserido no próprio documento; ii) uso de frases concisas e afirmativas, e não

enumeração de tópicos; iii) uso de frases significativas; iv) redação em parágrafo único e na terceira pessoa do singular.

De acordo com a primeira orientação – i) necessidade de referência, compreendemos que o texto resumido deve acompanhar a referência do documento original; certamente se for o resumo indicativo, ou, aquele de leitura solicitado pelo professor com o objetivo de verificar a compreensão do aluno. Isso porque, como apresentado, esse tipo de resumo não dispensa a leitura do texto original. Por outro lado, para o resumo informativo, como definido na NBR 6028, não cabe a indicação da referência, uma vez que esse tipo de resumo já acompanha o documento original, a exemplos de artigos, monografias, dissertações etc.

Ainda configura-se como encaminhamento o emprego de frases concisas e afirmativas – orientação ii). Para esta, reconhecemos a preferência pela utilização de frases concisas ao emprego de períodos simples, a orações coordenadas, a sentenças que evitem redundâncias comuns, por exemplo.

A NBR 6028/2003 estabelece como requisito que a primeira frase seja “significativa”, explicitando o tema – iii). Dito de outra forma, o texto de resumo inicialmente deve conter uma apresentação, na qual indique a natureza do que será resumido e a categoria do tratamento, ou seja, se é um capítulo de uma obra, um livro, um artigo etc. Ainda faz parte da recomendação que a escrita seja na terceira pessoa do singular, a fim de que haja a impessoalização no texto, e que a redação do texto seja em parágrafo único. Quanto a esta última, entendemos que exista uma negociação entre aquele que solicita e aquele que escreve, isto é, acreditamos que a redação do resumo “figuramente” pode apresentar-se tanto em mais parágrafos quanto em parágrafo único, a escolha ficará a cargo do professor.

Sobre os manuais didáticos de metodologia científica, reconhecemos como estratégias de produção de resumo, de acordo com Lakatos e Marconi (1992), os seguintes procedimentos: uso de frases curtas e concisas; ausência de comentários avaliativos; utilização das próprias palavras do produtor do resumo (e quando citar as do autor, utilizar-se das aspas); evitar expressões supérfluas (*o autor disse, o autor falou*); emprego da forma impessoal.

A respeito do emprego de frases curtas e concisas, Lakatos e Marconi (1992) orientam que deve corresponder a cada elemento relevante de um documento resumido, isto é, cada frase presente em um texto de resumo deverá corresponder as ideias centrais do texto-base, feita em uma sequência corrente, tal como presente no texto original.

Para Severino (2007), embora não tenhamos identificado estratégias em quantidade expressivas, destacamos: texto em parágrafo único; exposição objetiva do conteúdo do texto sem comentários avaliativos; referência bibliográfica no início do texto.

Com relação aos manuais elaborados para o ensino da produção de gêneros textuais na Academia (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004; MACHADO 2010; MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), Machado (2010) recomenda como procedimentos de produção as seguintes: necessidade de compreensão global do texto que será resumido, identificação das ideias mais relevantes; necessidade de evitar apropriar-se das ideias do autor do texto original; e uso do processo de sumarização (apagamento e substituição).

Para a autora, uma maneira de auxiliar na compreensão global é por ter conhecimento sobre o autor do documento, sobre a sua posição ideológica, sobre o seu posicionamento teórico etc. Para identificar as ideias mais relevantes, ainda de acordo com esta autora, deve-se verificar a questão discutida, a tese presente no texto, os argumentos, bem como a conclusão, a fim de evitar apropriar-se das ideias do autor do texto original. Em outra obra, Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) lançam mão, como estratégia, do uso de referências ao autor de maneiras diferentes, isto é, através do nome completo, do sobrenome, da profissão ou ainda, pela expressão o autor; porém, consoante às autoras, assegurando a coesão entre os parágrafos.

Machado (2010) recomenda a utilização da estratégia de sumarização como essencial para a produção de resumo sob dois conjuntos de caráter recursivo: apagamento e substituição (para esta última podendo ser dividida em dois tipos: de generalização e de construção). Segundo a autora, a estratégia de apagamento poderia ser seletiva, e a estratégia de substituição, construtiva.

A estratégia de apagamento refere-se à eliminação das informações presentes no texto original que não são relevantes ou que são redundantes à compreensão do texto. A estratégia de substituição refere-se à mudança de um conjunto de nomes por um novo que abarque aqueles todos. Essa estratégia, como informada, ainda pode ser dividida em dois tipos, quais sejam: as de generalização e as de construção. As de generalização permitem ao produtor substituir uma série de objetos e/ou propriedades de uma mesma classe por um nome de objetos e/ou propriedades mais geral. As de construção permitem substituir uma sequência de proposições, expressas ou pressupostas, por uma proposição normalmente inferida delas, através da associação de seus significados (MACHADO, 2010).

Motta-Roth; Hendges (2010) sugerem, como estratégia de produção de resumo, uma organização retórica que reflita a empregada em um artigo correspondente, a partir da reelaboração da descrição esquemática proposta por Bittencourt (1995), conforme a Fig. 1:

Figura 1 – Descrição esquemática de *abstracts* (MOTTA-ROTH & HENDGES, 2010, p. 155, com base em BITTENCOURT, 1995, p. 485.)

MOVIMENTO 1 – SITUAR A PESQUISA	
Subfunção 1A – Estabelecer interesse profissional no tópico	ou
Subfunção 2B – Fazer generalizações do tópico	e/ou
Subfunção 2A – Citar pesquisas prévias	ou
Subfunção 2B – Estender pesquisas prévias	ou
Subfunção 2C – Contra-argumentar pesquisas prévias	
Subfunção 2D – Indicar lacunas em pesquisas prévias	
MOVIMENTO 2 – APRESENTAR A PESQUISA	
Subfunção 1A – Indicar as principais características	ou
Subfunção 1B – Apresentar os principais objetivos	e/ou
Subfunção 2 – Levantar hipóteses	
MOVIMENTO 3 – DESCREVER A METODOLOGIA	
MOVIMENTO 4 – SUMARIZAR OS RESULTADOS	
MOVIMENTO 5 – DISCUTIR A PESQUISA	
Subfunção 1 – Elaborar conclusões	e/ou
Subfunção 2 – Recomendar futuras aplicações	

Na Fig. 1, podemos conferir as estratégias de redução de informações em cada movimento retórico que, de modo particular, abrigam passos básicos a serem opcionais e/ou obrigatórios para a composição de um *abstract*. O movimento 1 se apresenta com a função de situar a pesquisa, isto é, situar o conteúdo em uma área geral de conhecimento, e é preenchido por seis subfunções (1A, 2B, 2A, 2B e 2C) que podem ser selecionadas opcionalmente. O movimento 2 se apresenta com a função de apresentar a pesquisa, nesse caso, expor o tópico principal da pesquisa, representado por três subfunções (1A, 1B e 2). O movimento 3 –descrever a metodologia – aponta para os procedimentos metodológicos empregados, o qual não se compõe de subfunção. O movimento 4, apresenta-se com a função de sumarizar os resultados, sendo este, de acordo com as autoras, de maior relevância em um *abstract*, uma vez que retém as informações gerais da pesquisa realizada. O movimento 5, com a função de discutir a pesquisa, indica para os apontamentos finais, cujo preenchimento é feito por duas subfunções (1 e 2).

Assim, além da identificação das estratégias de produção de resumo sugeridas pela Norma Brasileira e por manuais didáticos de ensino de produção acadêmica, contamos com as estratégias de aprendizagem mobilizadas na produção acadêmica

escrita, as quais têm características bem específicas, tais como relacionadas ao comportamento cognitivo, ao modo como administra o funcionamento linguístico, textual e discursivo de um texto. Esse conjunto de características ganhou atenção em pesquisas recentes, como é o caso da realizada por Rodrigues (2012), na qual propõe uma subdivisão, a partir do reconhecimento que os sujeitos por ela analisados revelaram mobilizar durante a produção de gêneros acadêmicos escritos (o resumo, a resenha e o artigo científico), em estratégias cognitivas, linguísticas, textuais e discursivas.

Essa subdivisão das estratégias atende, de certo modo, ao que conhecemos, na Linguística Aplicada, a condição de produção em que os gêneros são requeridos, o que compreende os seguintes questionamentos: *Por que produzi-lo? Para quê? Para quem? Quando? Onde? e Como?*. Assim, a produção de resumo envolve o manuseio de diversas estratégias que, de modo particular, estão relacionadas ao comportamento cognitivo do produtor (*Por que?*) e ao modo como administra o funcionamento linguístico, textual (*Como?*) e discursivo (*Para quem?*) do seu texto (RODRIGUES, 2012).

As estratégias cognitivas são vistas como comportamentos, operações, procedimentos ou até, escolhas ativadas pelos produtores antes, durante e depois do processo de escrita. Estão relacionadas a uma série de outras estratégias denominadas de leitura, de compreensão e de escrita. Além disso, esse tipo de estratégias envolve a análise da situação de produção e o planejamento de algumas ações básicas, tais como: o que vai ser escrito? Para quem será escrito? Como será escrito? Por que será escrito? (RODRIGUES, 2012). Essas ações estão associadas às de leitura e de escrita realizadas em prol do objetivo de produção. Destacamos também que, as estratégias cognitivas têm por consideração o contexto de produção e de circulação do gênero proposto, o leitor do texto, bem como os propósitos da produção. Sobre o contexto de produção, é válido ressaltar que este influenciará na forma como o produtor irá se dispor no seu texto, uma vez que guiará como o produtor deve produzi-lo. Os propósitos de produção têm por função regular a finalidade de escrita, isto é, para que eu vou escrever? – por exemplo, se é um resumo didático, de indicação de compreensão de leitura, ou ainda, se é um resumo para enviar a uma comissão científica; bem como, de considerar sobre o gênero que será resumido, uma vez que guarda grande importância na configuração do texto de resumo.

As estratégias linguísticas, assim como as cognitivas, implicam operações que são realizadas pelo produtor a fim de cumprir uma tarefa de linguagem (BRONCKART,

2012). Nesse caso, para essa estratégia, o produtor, ao utilizá-la, demonstra habilidade em manusear a estrutura linguística em função das necessidades da língua, do texto, do gênero e/ ou da situação comunicativa em si.

Sob os pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante, ISD), as estratégias linguísticas se revelam a partir do repertório de linguagem mobilizado pelo produtor durante a planificação textual. Para essa teoria, os produtores têm a disposição no intertexto as escolhas linguísticas que configuram o tipo de discurso a ser utilizado, tais como: discurso interativo e relato interativo, discurso teórico e narração. Sobre esses tipos de discurso, Bronckart (2012) esclarece que

são como formas linguísticas identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que conferem ao todo textual sua coerência sequencial e configuracional (p. 149. Adaptação nossa.).

Logo, para a produção do gênero resumo, bem como de outros gêneros textuais da esfera acadêmica (resenha e artigo científico), a estratégia mobilizada pelos produtores se caracteriza, principalmente, pela manipulação do discurso teórico. Para o ISD, esse tipo de discurso é, em princípio, monologado e escrito, e esse caráter se expressa essencialmente por meio da ausência de frases não declarativas, da exploração de um mesmo conjunto de tempos verbais, da ausência de unidades que remetam diretamente aos interactantes, ou ao espaço-tempo da produção, da ausência de nomes próprios e de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoa do singular com valor claramente exofórico, ou ainda de verbos na primeira pessoa do singular.

Além dessas estratégias, ainda são comuns a presença de múltiplos organizadores com valor lógico-argumentativos, modalizações lógicas, assim como a onipresença do auxiliar de modo “poder”, a exploração de procedimentos de focalização de certos segmentos de texto, bem como procedimentos de referência a outras partes do texto, ou ao intertexto científico (procedimentos metatextuais, procedimentos de referência intratextual, procedimentos de referência intertextual) e a presença de numerosas frases passivas, a maioria do tipo “passiva truncada” (BRONCKART, 2012, p. 171-173).

Como afirma Rodrigues (2012), essas estratégias não se aplicam sozinhas. Pelo contrário, são agenciadas por processos cognitivos, como exposto, bem como por uma arquitetura textual, neste caso, caracterizada pelas estratégias textuais. Essas últimas

referem-se a procedimentos que permitem ao produtor a oportunidade de fazer escolhas para o arranjo da arquitetura do texto (BRONCKART, 2012) e, assim, possibilitar a textualidade. Além disso, as estratégias textuais, ainda de acordo com Rodrigues (2012), correspondem à manipulação, pelo produtor, da estrutura textual e da adequação aos propósitos que orientam a produção do resumo.

Para o ISD, essas estratégias são reconhecidas quando o produtor manipula os mecanismos de textualização: a conexão, a coesão nominal e a coesão verbal. Esses mecanismos estão “articulados à progressão do conteúdo temático, tal como é apreensível no nível da infraestrutura.” (BRONCKART, 2012, p. 259). Para Bronckart (*idem*), “os mecanismos de conexão contribuem para marcar as grandes articulações da progressão temática e são realizados por um subconjunto de unidades, a que chamaremos de organizadores textuais.” (p. 263). Os de coesão nominal “introduzem os argumentos e organizam sua retomada na sequência do texto; são realizados por um subconjunto de unidades que chamamos de anáforas.” (*ibidem*). Já os mecanismos de coesão verbal “estabelecem retomadas entre séries de predicados, ou ainda, entre séries de sintagmas verbais.” (*ibidem*).

Também identificada como estratégia, a retextualização implica em operações de natureza textual e discursiva, como destaca Matêncio (2002):

retextualizar é produzir um novo texto a partir de um texto-base, pressupondo-se que essa atividade envolve tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade. (p. 111).

Assim, ainda de acordo com essa autora, essa estratégia acarreta três fatores: i) de ordem linguística, isto é, de “organização linguística”, referente ao equilíbrio entre informações dadas/ novas, de “formulação do texto” – o dizer – e de “progressão referencial” – nesse caso, retomada/ remissão de referentes de forma explícita ou não; ii) de ordem textual – voltado aos tipos de textos: narrativo, dissertativo, argumentativo, injuntivo ou dialogal; e iii) de ordem discursiva, o que remete ao “evento de interação”.

As estratégias discursivas correspondem, de modo geral, aos mecanismos enunciativos apresentados pelo ISD. Esses mecanismos

contribuem para o estabelecimento da *coerência pragmática do texto*, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamento, opiniões, sentimentos) que podem ser formulados a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático e, de outro, as próprias fontes dessas avaliações (...). (BRONCKART, 2012, p. 319. Grifos do autor.).

Assim, as estratégias discursivas indicam, em relação à produção de resumo, o abandono de certos julgamentos, bem como permite ao produtor cumprir com a proposta de organização textual e atender às demandas de um professor, uma vez que as características definidoras desse gênero variam, também, de acordo com o objetivo da leitura.

Desse modo, é notório que as estratégias aqui apresentadas oferecem ao produtor um conjunto de opções necessário para a produção de um gênero textual, em especial, o resumo. Além disso, mesmo vistas separadamente, é válido destacar que as estratégias são procedimentos complexos, motivo pelo qual estão sempre em interdependência, e assim são agrupadas em um termo mais abrangente, como estratégias de aprendizagem (RODRIGUES, 2012). A sua mobilização é definida pelo produtor em função dos objetivos estipulados para a atividade linguageira de seus interlocutores (BRONCKART, 2012), isto é, as estratégias também são motivadas em função da finalidade de escrita ativada em parceria com aquele que submete a escrita com aquele que escreve.

4. Considerações finais

Após a discussão realizada ao longo do presente trabalho, podemos concluir que o conceito de resumo posto na NBR 6028/2003 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) bem como a classificação atribuída a este gênero corroboram com os estudos presentes em manuais didáticos de produção acadêmica, como também englobam as discussões na Linguística Aplicada. Afirmamos isso uma vez que identificamos mais semelhanças do que divergências com este objeto de estudo.

As divergências observadas estão relacionadas ao tratamento didático da produção de resumo, isto é, enquanto que a orientação de aprender conceitual e estruturalmente este gênero acadêmico, na Norma, seja realizada de forma generalizante, podendo ser aplicada a qualquer área do conhecimento, na Linguística Aplicada há uma preocupação em atender ao contexto de produção, a fim de que a escrita do texto atenda às exigências de produção de resumo.

Além do mais, verificamos que, as orientações dadas para a produção de resumo vistas nos manuais de produção investigados direcionam a aspectos estruturais, sobre o que pode (e não pode) conter na composição do gênero resumo, o que não nos parecem

instrutivas a ponto de permitir àquele que produz este texto condições necessárias de reformulação linguística que deem conta dos elementos importantes para o domínio da organização linguístico-textual de um gênero como o resumo, objeto de investigação neste trabalho.

Por fim, validamos a afirmação de que a utilização do termo *resumo* abriga, na sua essência, modalidades textuais e finalidades de escrita que se particularizam na dinâmica acadêmica. Logo, cabe ao produtor ter clareza do contexto de produção em que o gênero foi solicitado para assim o produzir sem maior estranheza.

5. Referências

ASSIS, Juliana Alves; DA MATA, Maria Aparecida; PERINI-SANTOS, Pedro. Ensino/aprendizagem de resumos acadêmicos em sala de aula: negociação de representações. *Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição: Reflexões para o Ensino*. Campinas/São Paulo, Graf. FE/ALB. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 6028: informação e documentação: Resumo: Apresentação*. Rio de Janeiro, 2003.

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. *Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações*. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 1998.

BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 361-376. 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: Por um Interacionismo Sociodiscursivo*. Tradução: Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. 2.ed., 2.reimpr. São Paulo: EDUC, 2012. p. 137-216.

_____. *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: Por um Interacionismo Sociodiscursivo*. Tradução: Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. 2.ed., 2.reimpr. São Paulo: EDUC, 2012. p. 259-271.

_____. *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: Por um Interacionismo Sociodiscursivo*. Tradução: Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. 2.ed., 2.reimpr. São Paulo: EDUC, 2012. p. 319-335.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. *Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gênero na construção e avaliação de material didático*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2001.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FIGUEIRA, Ana Paula. Estratégias cognitivo/comportamentais de aprendizagem. Problemática conceptual e outras rubricas. *Revista Iberoamericana de Educación*. 2006.

GUIMARÃES SILVA, Jane Quintiliano; DA MATA, Maria Aparecida. Proposta tipológica de resumos: um estudo exploratório das práticas de ensino da leitura e da

produção de textos acadêmicos. *SCRIPTA*, Belo Horizonte. v. 6. n. 11. p. 123-133. 2º sem. 2002.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. 14ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Resumos. In: *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1992. p. 72-77.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. A produção de texto escrito com base em gêneros discursivos. In: SILVA, Elisabeth Ramos (Org.) *Texto&Ensino*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2002.

MACHADO, Anna Rachel. Revisitando o Conceito de Resumo. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola. p. 149-162, 2010.

_____. LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. O resumo escolar: uma proposta de ensino do gênero. *SIGNIUM: Estud. Ling.*, Londrina. n. 8/1, p. 89-101, jun. 2005.

_____. LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.

MARSCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de (Re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *SCRIPTA*. Belo Horizonte. v. 6. n. 11. p. 109-122. 2º sem. 2002. p. 109-122.

_____. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro: ABRALIN, 2003.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. *Abstract/Resumo acadêmico*. In: _____. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 151-162.

RODRIGUES, Márcia Candeia. *Gêneros Acadêmicos Escritos: crenças e estratégias de aprendizagem*. 2012. 331f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. As Modalidades de trabalhos científicos (resenhas e resumos). In: _____. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez. p. 204-206, 2007.

SILVA, Elisabeth Maria da (Org.). *Professora, como é que se faz?* Campina Grande: Bagagem, 2012.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.